

# CECÍLIA MEIRELES E A IMAGINAÇÃO DA INFÂNCIA

## CECILIA MEIRELES AND IMAGINATION OF CHILDHOOD



**Ana Carolina Fernandes Caldari**<sup>1</sup>  
(Universidade Metodista de Piracicaba)  
**Ivone Oliveira Tavernard**<sup>2</sup>  
(Universidade Metodista de Piracicaba)

Vol. 8 nº 16 jul./dez. 2013  
p. 403-412

**RESUMO:** Este artigo apresenta algumas crônicas de educação, de Cecília Meireles, trazendo à tona a reflexão sobre a responsabilidade que os adultos devem ter perante a construção da imaginação da criança. A autora descreve a imaginação da infância pelo viés da própria criança, dentro de seu universo particular: família, escola, infância e educação. Encontramos em suas crônicas uma postura crítica para narrar as relações humanas vivenciadas pelas crianças, no seu cotidiano, constituindo-se prática educativa de Meireles. As experiências e vivências da poetisa, em relação à imaginação da infância, foram permeadas por estes elementos: o estético, que a impregnou de sensibilidade; o ético, que fundamentou sua luta em prol dos direitos da criança; o poético, que a levou a viver plenamente sua vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imaginação, infância, educação, adulto.

**ABSTRACT:** This article presents some chronic education, Cecilia Meireles, revealing the reflection on the responsibility that adults should have towards the construction of the child's imagination. The author describes the imagination of childhood by the bias of the child within his own universe: family, school, childhood and education. Found in their chronic critical stance to narrate human relationships experienced by children in their daily lives, becoming educational practice Meireles. The lived experiences of the poet in relation to childhood imagination were permeated by these elements: aesthetic that permeated sensitivity, the ethical, which based its fight for the rights of the child, the poetic, which led to fully live your life.

**KEYWORDS:** Imagination, childhood education, adult

<sup>1</sup> Graduada em ciências jurídicas pela Universidade Metodista de Piracicaba.

<sup>2</sup> Mestre em História e Filosofia da Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba/2013.

"A imaginação tenta um futuro".  
[Gaston Bachelard]

Este artigo objetiva discorrer sobre algumas crônicas de educação, de Cecília Meireles, escritas para *O Jornal Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, de 1930 a 1933, organizadas em seis volumes. Meireles, no período em que trabalhou nesse jornal, como colunista, foi a responsável pela "*Página de Educação*". Muitas de suas crônicas versaram sobre a imaginação da infância, em especial, as crônicas escritas no Segundo Núcleo Temático: *família, escola, infância e educação*.

Meireles (2001, vol. I), a partir de sua vivência diária, registra, nas páginas dos jornais, a vida cotidiana das crianças nos mais distintos ambientes: familiar, escolar e social, destacando diversos aspectos da vida infantil, dentre eles, a imaginação, elemento peculiar e de grande relevância na formação das crianças.

Cecília Meireles não se pautou pela imaginação do adulto para compreender a imaginação na infância. Nesse contexto, pode-se exemplificar essa afirmação, com a música *Saiba*, de Arnaldo Antunes, que aborda o modo como o universo infantil deve ser tratado, recordando para os adultos, inclusive, que, um dia, os ditadores, governantes e grandes pensadores foram crianças. Tiveram, portanto, momentos para devanear sobre o mundo à sua volta ou deveriam.

Para muitos, adultos, cultivar a imaginação é algo irrelevante, mas, de acordo com filósofo francês Gaston Bachelard (1884-1962), é "pela imaginação, graças às sutilezas da função do irreal, reingressamos no mundo da confiança, no mundo do ser confiante, no próprio mundo do devaneio" (BACHELARD, 2009, p. 14). Confiança que os adultos desconsideram porque ignoram que tiveram, inocentemente, confiança nos adultos e no mundo que os cercavam na infância; a criança, por vezes, adormece no recôndito do imaginário.

Muitos escritores alertaram, em diversas oportunidades, sobre o enrijecimento do pensamento das pessoas adultas. Destaca-se, entre eles, Antoine Saint-Exupéry (1900-1944), que, na sua obra mais popular, "*O Pequeno Príncipe*", apresenta, pela primeira vez, ao público "adulto", o olhar desdenhoso que é lançado em direção à compreensão feita pelas "crianças", em contraponto à visão periférica dos adultos.

Engana-se quem pensa que a fábula se destina apenas às crianças; ela encontra, também, receptividade entre jovem e adulto, pois seu conteúdo é permeado de filosofia e poesia.

Saint-Exupéry descreve suas próprias vivências, com representações e desenhos, de quando era criança. (ele desenhava um elefante engolido por uma serpente). Os adultos, porém, não conseguiam decifrar seu desenho; viam somente o óbvio: "um chapéu". Vejamos o que diz Saint-Exupéry sobre como os homens e crianças pensam:

Se lhes dou esses detalhes sobre o asteróide B-612, e lhes confio o seu número, é por causa das pessoas grandes. As pessoas grandes adoram os números. Quando a gente lhes fala de um novo amigo elas jamais se informa do essencial. Não perguntam nunca: "Qual o som da sua voz? Quais os brinquedos que prefere? Será que ele coleciona borboletas?" Mas

perguntam: “Qual é a sua idade? Quantos irmãos têm ele? Quanto pesa? Quanto ganha o seu pai?” Somente então é que elas julgam conhecê-lo. Se dissermos às pessoas grandes: “Vi uma bela casa de tijolos cor de rosa, gerânios na janela, pombas no telhado...”, elas não conseguem, de modo nenhum, fazer uma ideia da casa. É preciso dizer-lhes: “Vi uma casa de seiscentos contos”. Então elas exclamam: “Que beleza!”. (SAINT-EXUPÉRY, s/d, p. 17/18).

Corroborando com o tema, imaginação da infância, Cecília Meireles acentua por que gosta de ouvir as crianças:

Eu gosto de ouvir as crianças conversando, porque elas são absolutamente como os poetas. Não conhecem obstáculos à sua imaginação. Mas os adultos, esses adultos pretensiosos e insuportáveis de que o mundo está composto em sua maior porção, esses não querem saber da conversa encantadora da infância. Querem conversar sobre os negócios, sobre políticas, sobre coisas piores ainda (MEIRELES, 2001, p.195).

Saint-Exupéry, desiludido e sem desmotivação para continuar a desenhar, teve um encontro marcante com o *pequeno príncipe*, que, diferentemente dos adultos, o incentiva a produzir novamente.

O *Pequeno Príncipe* solicita ao piloto que lhe desenhe um carneiro. Ele, contudo, desenhou o que sempre soube, mas o pequeno jovem o surpreende com a afirmativa: “– Não! Não! Eu não quero um elefante numa jiboia. A jiboia é perigosa e o elefante toma muito espaço” (SAINT-EXUPÉRY, s/d, p. 3). O *Pequeno Príncipe* conseguiu ver o que os adultos estão cegos de tanto ver.

Como disse Caetano Veloso, em sua canção, *O Estrangeiro*, referindo-se à Baía da Guanabara: “Sou cego de tanto vê-la, de tanto tê-la...”. Acabamos por ficar cegos diante daquilo que vemos constantemente.

Assim, este trabalho fundamenta-se em alicerces de algodão, açúcar, fantasia e o improvável...

Um convite para sonhar...

Pelo viés infantil, a imaginação apresenta-se não de modo surpreendente, exuberante, mas, sim, como a forma complementar de a criança traduzir a sua visão do mundo, tornando-o fantástico, encantado, poético. Vejamos a afirmativa do personagem “Olhinhos de Gato”, na obra, autobiográfica: “*E tudo era ser e deixar de ser*”. (MEIRELES 2003, p.195). Assim, é o olhar singelo da criança.

Na crônica *Ouvindo as crianças*, Meireles (2001, v.1, p.163) afirma que algumas pessoas gostam de ouvir as crianças que ainda estão construindo seu vocabulário porque isso provoca risos, dado que “há inúmeras pessoas que se distraem e se divertem ouvindo falar as crianças, pelo simples motivo de que a estropiação da linguagem provoca a curiosidade e o riso”. Tal

**atitude, para a poetisa, não é elogiável, pois humilha a criança e, ao mesmo tempo, prejudica seu desenvolvimento linguístico e, por vezes, psíquico.**

É louvável quando observamos as crianças para constatararmos suas novidades “poéticas”, para percebermos suas formas de expressão, sua lógica e imaginação.

Segundo Meireles (2001, v.1, p.164), por exemplo, a criança que pinta a estrela de preto pensa em **preta**; que acrescenta ao adjetivo carioca, o masculino, pensa o **carioco**. Conclui, por isso, que, se o papai é o marido da **mamãe**, a mamãe, por consequência, é a **marida** do papai.

Para Meireles (2001, v.1, p.163), “A lógica e a imaginação infantis originam pequenas maravilhas”. Enfim, a linguagem também demonstra os aspectos do imaginário da criança, pela verbalização da sua imaginação, compostas, ou não, por imagens.

Essa lógica do universo linguístico infantil, experimentado pelas crianças, expressa, na forma mais fiel possível, a tradução das percepções do mundo a sua volta.

O mundo é muito complexo para que a criança consiga verbalizar tudo o que assimila, e principalmente, tudo o que a impacta.

Para Meireles (2001, p.165), a escola é o ambiente em que se pode cultivar a sensibilidade. Por isso, a autora, na crônica *A escola para as crianças!*, pensa em como seria uma festa entre professores da educação infantil e as crianças.

Nessa crônica, ela relata a experiência do quanto a escola é relegada, esquecida na infância. Segundo Meireles, parecia que as práticas educacionais, utilizadas naquele ambiente, geravam um clima de artificialidade. E, para ela, a escola não deve ser artificial, reprodutora, “comportamento adequado”, mas ter uma alma diferente, lugar onde as crianças possam expressar sua imaginação criadora e poética.

Esse tema, imaginação, é amplamente debatido e fundamentado por inúmeros pensadores. Nesse sentido, diz Bachelard (2009):

**O imaginário em si é a valorização da condição humana, podendo ser captado mediante as diversas imagens poéticas, posto que elas representam a condição humana em seu incessante processo: o nascer, o morrer, e o renascer; o conhecer-se; o superar-se, o transcender-se, o exercitar-se; o operar não apenas como o homem das técnicas e das ciências, mas também, como um demiurgo, criador, mais que humano...(BACHELARD, 2009, p. 94).**

No *V Simpósio Internacional de Educação e Filosofia - 2013*, realizado pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF/Minas Gerais, um dos temas debatidos foi a “*Poética e política do aprender: tempo, alteridade e linguagem*”, enfatizando a poética educacional, também contemplada no *Caderno de Resumo*, apresentando, na folha de rosto, uma citação do filósofo alemão Heidegger, aqui, transcrita:

(...) A Poesia não toma jamais a linguagem como se fosse uma matéria que está aí para ser trabalhada; é pelo contrário, a Poesia mesma a que faz apreensível a linguagem. Poesia é a linguagem primordial de um Povo. É a

**essência da linguagem que tem de ser compreendida mediante a essência da Poesia e não o contrário (Sic). (CADERNO DE RESUMO, 2013, p. 3)**

Na crônica *Os indícios da alma infantil*, Meireles (2001, p.169) aponta o porquê de uma exposição incompleta da alma infantil e por que esta se constrói aos poucos, por detalhes. É necessário que se conquiste a infância, que se doe, aos poucos, até alcançar a espontaneidade da criança, para, aí, sim, revelar-se a alma criadora.

Na crônica, acima mencionada, a autora comenta: “A alma infantil, como, aliás, a humana alma, não se revela jamais completamente e subitamente como uma janela que se abra deixando ver todo cenário” (MEIRELES, 2001, 169). A autora comprova isso fazendo referência a três presentes recebidos de uma criança quando era professora: uma pena de pavão, só com a ponta colorida, uma pena de escrever dourada e um pedaço de vidro vermelho.

Os presentes demonstram alguns indícios da alma infantil como materialização das três representações da beleza, concentradas no prestígio da cor, agregadas à imaginação. Meireles ilustra sua experiência diante da incompreensão vivida, ao analisar os presentes recebidos.

A melhor expressão desse momento foi a seguinte:

**Essas três ofertas, portanto, — da mais humilde aparência, para um adulto desprevenido, — não devem ser julgadas como um esforço entristecido da criança querendo dar um presente, sem ter recursos para o comprar. A significação do dinheiro, mesmo nas crianças de hoje, ainda é das mais vagas e confusas. E a sua relação de valor para com os objetos que a atraem é quase sempre inesperada<sup>3</sup>.**

No mundo da imaginação infantil, tudo é mágico e, ao mesmo tempo, muito real. As coisas possuem proporções tais quais elas imaginam.

Meireles (2001, p. 93) descreve uma conversa entre duas crianças sobre como nasce o feijão. Uma delas queria compreender como ele pode nascer sem ter sementes; a outra disse que era a própria terra que fazia a semente. A menorzinha, não satisfeita com a explicação, disse que achava que o feijão era feito de massinhas de batata que depois eram pintadas.

Para Bachelard (2009, p.5), “É pela intencionalidade da imaginação poética que a alma do poeta encontra a abertura consequencial de toda verdadeira poesia”. A imaginação surge de um estado de consciência, e não das lucubrações como alguns imaginam.

E para o filósofo francês Durand (1921-2012), discípulo de Bachelard, o imaginário é o “conjunto das imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do “*homo sapiens*””. (DURAND, 1997, p.14). Assim, as crianças fazem uso das imagens para constituírem a sua imaginação.

Na década de noventa, estreou no Brasil, o desenho animado, chamado “*O Fantástico Mundo de Bob*”. O desenho retrata, de maneira perspicaz, o que se passa dentro da mente de um garoto de quatro anos.

Cada episódio conduz o espectador a ver, a presenciar, o mundo da imaginação

da criança, ambiente repleto de fantasias. As descobertas do menino ocorrem no seu cotidiano, por isso, as pessoas que o cercam compartilham dessa vivência, não só o seu núcleo familiar, como, também, o ambiente social em que está inserido.

A imaginação fantástica de *Bob* representa o que muitas crianças fantasiam e/ou vivenciam para lidar com seus medos e angústias. Sentimentos que, na maioria das vezes, o adulto ignora. Meireles diria que essa imaginação poderia parecer, para os adultos, uma visão repleta de insignificâncias.

A representação dessa visão, também foi descrita por Meireles, ao retratar o diálogo entre crianças sobre como as galinhas botam. Uma dizia que o ovo era feito com tigelinhas de papel, com um pozinho amarelo e um bocadinho de água, que depois, era engolido pela galinha para ela botar o ovo.

A sensibilidade “*ceciliana*” apurou, minuciosamente, que a alma da criança é como a do poeta: não reconhece os obstáculos impostos à imaginação.

Na crônica *Elas...*, apuramos a sensibilidade na análise das formas das expressões infantis, como, por exemplo, a descrição do gestual utilizado nesse universo particular:

**Elas vêm de tal modo impregnadas de liberdade, elas surgem na vida com uma espontaneidade tão clara, com uma simplicidade tão límpida, e definitiva, em todos os seus gestos, em todas as suas atitudes, em todos os seus movimentos, que constituem um terrível escândalo neste cárcere em que nós outros já perdemos essas mesmas qualidades, que um dia foram também nossas, mas que os adultos de então nos foram arrancando dolorosamente, gritando coisas que não entendíamos e que na verdade não tem existência digna de serem respeitadas:...** (MEIRELES, v.1 2001, p.169)

Essa liberdade de expressão permitida na infância rompe, inclusive, com os grilhões sociais. Podemos afirmar isso quando submetemos a análise das situações fáticas vivenciadas pela ótica infantil, como descrito na crônica *Os olhos observadores da infância* (MEIRELES, 2001), na qual há a referência ao livro do escritor austríaco Stefan Zweig, *Ertas Erlebnis*, (apud Meireles, 2001, p.203), que trata das primeiras experiências afetivas e emocionais infantis. Nesse relato do livro do escritor austríaco, temos a observação de duas meninas sobre o modo duro e incompreensível como governanta delas é tratada; logo é expulsa pela dona da casa, devido ao clima gerado.

A postura infantil da indignação, diante do fato vivenciado, demonstra a aflição diante da hostilidade das relações adultas que são camufladas.

Essa análise comportamental infantil se passa à margem da percepção adulta, simplesmente por ignorar a presença das crianças. Os adultos que não reconhecem que as elas perscrutam e observam a realidade ao seu redor.

Ao desvelar a sensibilidade infantil, depararemos, cada vez mais, com nós mesmos, posto que, muitas vezes, quando não encontramos explicações aceitáveis, voltamos saudosos para o porto seguro da imaginação.

## As relações sociais e as relações imaginárias

É possível compreender as relações imaginárias na obra de Meireles (2003), especialmente, quando ela diz que “Brincar ao seu lado é sair invisível, e viajar por países azuis e dourados, onde os peixes conversam com as princesas, os pássaros puxam carros festivos, e as palavras ditas três vezes, formam e desfazem as pessoas e as coisas mais impossíveis”. (MEIRELES, 2003, p. 63). Significa dizer que as relações sociais vivenciadas no universo infantil são margeadas pelo imaginário.

Meireles, embora se utilize da linguagem poética, é extremamente dura, ao expor e enfatizar os problemas sociais de sua época, equilibrando, porém, com maestria, a dureza dos fatos, com a delicadeza das palavras, utilizando, para isso, a figuração da imaginação infantil.

Em *O convite para a vida* (2001, v. I, p.209), ela trata da visão imaginária de uma menina ao visitar uma fábrica de cerâmica, onde, no seu entender, os trabalhadores pareciam estar brincando, o que despertou, inclusive, seu “desejo” de trabalhar naquele local, pois, para a personagem, o trabalho penoso, realizado por aqueles trabalhadores consistia em um jogo, algo realmente divertido.

Meireles, em sua versão do consagrado drama de Tagore, *O carteiro Del-rei*, refere-se ao ponto de vista do menino que, ao ouvir um vendedor de queijo passar, sonha ser um vendedor como aquele.

Logo, temos que, em diferentes épocas, a perspectiva infantil é utilizada para a crítica infrene às relações sociais. Apreciar a vida com olhos feéricos, ilimitados no que se refere ao espaço, tempo, personalidades, restringe tudo o que é captado por eles a um jogo maravilhoso. Isso porque, para Meireles, a criança que brinca está mergulhada no próprio infinito, do qual os adultos foram abruptamente arrancados.

Durand (1997, p.432) declara que “O imaginário não só se manifestou como atividade que transforma o mundo, como imaginação criadora, mas, sobretudo como transformação eufêmica do mundo, como *intellectus sanctus*, como ordenança do ser às ordens do melhor”. Para vermos a vida como um jogo, ora suave, ora difícil, mas, sempre estabelecida como um jogo é necessário ver as coisas com os olhos de uma criança.

Portanto, é importante trazer à baila que o senso comum, em muitas ocasiões, afirma, suas concepções sobre o imaginário de forma confusa, confundindo o imaginário com a memória.

Segundo alguns lexicógrafos, a palavra memória é a faculdade que temos de lembrar, reter as impressões, ideias, lembranças, recordações. Devemos, então, enfatizar que a memória é constituída de fatos vivenciados, sempre a partir da experiência concreta, enquanto o imaginário estabelece, para o indivíduo, uma realidade fantasiada, ludibriando as interpretações das impressões do mundo concreto.

Para Bachelard (2009), o imaginário é retratado da forma mais específica, na infância, como se fosse sua própria essência. Como se fosse um germe incrustado no âmago do imaginário adulto, pois a criança tudo se permite, nada se nega, e principalmente, o fantástico, por meio de sua imaginação, é plenamente aceitável e possível.

Um excesso de infância é um germe de poema. Zombaríamos de um pai que por amor ao seu filho fosse “apanhar a lua”. Mas o poeta não se recua diante desse gesto cósmico. Ele sabe, em sua ardente memória, que esse é um gesto de infância. A criança sabe que a lua, esse grande pássaro louro, tem seu ninho nalguma (Sic) parte da floresta (BACHELARD, 2009, p.95)

Ademais, para Bachelard (2009, p.95), são “... as imagens da infância, imagens que uma criança pôde fazer, imagens que um poeta nos diz que uma criança fez, são para nós manifestações da infância permanente”. Assim, as imagens construídas na infância podem acompanhar, tranquilamente, o universo adulto, e torná-las aceitas, através da poesia,

Na crônica *O ambiente infantil* (Meireles, 2001, v.1 p.213), deparamo-nos com a desconstrução da vida infantil real, necessária para que a criança a reconstrua – com a criação de um universo paralelo – uma atmosfera fantasiosa. Fantasia que compreende a educação destinada às crianças, até hoje, para que seja aceitável, inclusive para o convívio social, a imaginação das relações sociais que estabelecemos com cada criança.

Em *A criança no lar* (Meireles, 2001, v.1, p.219), as relações sociais explicitam a construção do caráter infantil, diferenciando a criança tiranizada da criança bajulada.

O comportamento tiranizado desenvolvido pelas crianças origina-se naquela que só pode brincar e agir em momentos determinados, hipercontrolada, entregue à vontade do adulto. Isso pode causar timidez e fracasso moral e material.

Já a criança bajulada exerce a tirania sobre a família para realizar todos os seus desejos. Espera-se, porém que os pais encontrem um caminho harmonioso, que não diminua, nem exagere no que se refere ao processo formativo.

Durante a construção das relações interpessoais, nas quais a criança está inserida, sua imaginação marca seus laços afetivos e sociais.

Em *A imaginação maravilhosa da infância* (Meireles, 2001, v.1, p.221), a magia das histórias permeia toda a realidade vivenciada pela criança, toda a sua memória. Algo que colabora com o imaginário infantil é o contato com a natureza, pois esta, por si só, é cheia de mistérios e magias.

Em tudo se guarda a essência do encantamento: desde o voo de uma borboleta, a semente que se transforma em planta, o passarinho ao sair do ovo. Até mesmo a morte passa a ser assimilada com naturalidade.

O adulto repreenhe sua espontaneidade e a sua criatividade infantil e passa a acomodar-se nas verdades prontas e não se permite um árduo trabalho para criar outras experiências dotadas de beleza, fantasias e magias, e acaba por sufocar inclusive o espírito crítico que possuiu um dia.

A criança, ao desenvolver-se, acumula as suas frustrações e apresenta padrões comportamentais, muitas vezes, de egoísmo, desenvolvendo o sentimento, quando adulto, de possuídores dos filhos, e não de educadores, orientadores de seres que não pertencem ou pertencerão a eles, mas, sim, apenas serão orientados no decorrer da vida.

Na crônica *Os donos da criança* (Meireles, 2001, v.1, p.223), a autora se reporta, à crença dos pais de que a criança é sua propriedade. Com isso, as crianças se tornam seus objetos; são utilizadas para tudo, inclusive, para as maquinações das suas brigas



familiares.

Há, também, a tirania de pais que não deixam a criança sair do espaço determinado por eles; forçam seus filhos a exercerem a profissão que lhes agrade ou, ainda, aquela que julgam ter elevado prestígio social. Geram, com isso, opressões que podem se iniciar já na escolha do próprio nome da criança.

Vemos, por conseguinte, que os comportamentos adultos, até em seus atos de caridade, ocultam intentos de superioridade. Assim, foram descritos em *As crianças abandonadas* (Meireles, 2001, v.1, p.231).

Na crônica acima mencionada, as relações imaginadas pelos adultos, crentes de que, ao praticarem atos de caridade, estão barganhando prestígio. Assumem, assim, uma postura negligente com o verdadeiro sentimento cultivado pela criança, que aguarda sedenta, por um gesto/manifestação qualquer de carinho e amparo”.

O desenho feito por uma criança em que ela mostra ter um pai e uma mãe, num quadro feliz, com o sol sorridente no canto, pode, muitas vezes, revelar uma imagem camuflada de dias tempestuosos.

Meireles apresenta que, para cada criança abandonada, de pronto, lhe aparecerá alguém para adotá-la. Porém, esse gesto de caridade, na maioria das vezes, está eivado do sentimento de superioridade, que deságua em resultados deploráveis.

Existe ainda, na concepção de Meireles, outro abandono pior, o que se refere aos filhos incompreendidos pelos pais, àqueles que estão relegados a ficar, sempre, à sombra da família, não recebendo o verdadeiro respeito e a merecida atenção nem da família, nem da sociedade em que estão inseridos.

Contudo, aquilo que as crianças imaginam, no que diz respeito às relações sociais, nada mais é do que uma blindagem dos “mundinhos delas” frente à cruel realidade a que são submetidas..

Na crônica *Proteção à criança* (Meireles, 2001, v.1, p.241), a autora fala das consequências desastrosas e irreversíveis, da violação da imaginação, afetando, com isso, a sobrevivência e a sanidade da vida infantil frente aos descabros do comportamento social adulto que lhes impõe coisas absurdas.

Para Meireles (Meireles, 2001, v.1, p.242), “A vida da criança é um mistério tão grande que ninguém a deveria tratar com mãos desatentas ou negligentes”. A infância, portanto, deve ser contemplada com um olhar humanizado, protetor, para que lhe seja garantido segurança e alegria.

### Considerações Finais

Apresentamos de modo palatável, o imaginário infantil, sob o pálio da credibilidade exigida pelo mundo adulto, tendo um olhar pretensioso nas crônicas de Meireles.

Meireles apresenta, em suas crônicas, o cotidiano da criança, impregnado do preconceito, característica inerente em muitos adultos, especialmente, quando o tema é a imaginação da infância.

Na obra literária de Meireles, dentre os inúmeros temas, o referente à imaginação infantil foi desenvolvido com maior afinco.

Ela nos deixou como grande lição e legado: (quinhão) não apenas o direito de a criança ter acesso ao sonho, mas, também, com árdua sementeira, o desenvolvimento fecundo de trabalho de proteção à liberdade e respeito ao pensamento da criança.

Meireles descreve a construção a imaginação da infância pelo viés da própria criança, dentro de seu universo particular. A proteção a esse universo é a pedra angular sobre a qual edificaremos adultos livres, visto que a criança tem a sensibilidade à flor da pele ao fazer uma interpretação da vida.

Valorizar a imaginação é se posicionar diante do mundo da criança com sensibilidade e leveza, sem violar sua Infância.

Na infância, originam-se, possivelmente, todos os sonhos que deveriam tornar-se realidade posteriormente. Nela, está direcionado o destino humano; e o adulto traz, inconscientemente, esses sonhos “sonhados” e, por vezes, não concretizados ou refletidos ao longo de sua vida.

## NOTAS

<sup>3</sup> Meireles, Cecília. **Crônicas de educação**. Vol. I. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 2001, p.170.

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gastón. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CADERNO DE RESUMOS. **V Simpósio Internacional em Educação e Filosofia**, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2013.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MEIRELES, Cecília. **Crônicas de educação** (v.1). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Olhinhos de Gato**. 3. ed. São Paulo: Moderna 2003.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Ed. Círculo do Livro S.A., s/d.
- TAVERNARD, I. O. **A poética da infância em Cecília Meireles**. Piracicaba, SP: [s.n], 2013.
- \_\_\_\_\_. **Poética e infância em Cecília Meireles: educação e imaginação**. Apresentado no, V Simpósio Internacional em Educação e Filosofia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2013.

Recebido em 03/11/2013

Aprovado para publicação em 10/12/2013